

UM MAPA COMO NARRATIVA ERRANTE: Derivas entre geografia, educação, política e desejos com crianças na escola

*A MAP AS A WANDERING NARRATIVE: DRIFTS BETWEEN GEOGRAPHY, EDUCATION, POLITICS, AND DESIRES WITH
CHILDREN AT SCHOOL*

*MAPA COMO NARRATIVA ERRANTE: DERIVAS ENTRE GEOGRAFÍA, EDUCACIÓN, POLÍTICA Y DESEOS CON NIÑOS EN
LA ESCUELA*

RESUMO

Desenhado a duas mãos esse artigo oferece um mapa e modos de cartografar realizados com crianças, que sugerem uma educação (em geografia) que se responsabiliza. Em suas errâncias, *contam para a gente e com a gente contam* para expressar desejos - individuais e negociados - para um terreno baldio no entorno da escola. Abandono resultado da negligência do Estado e do ardil da empresa construtora de um shopping center, posicionando em permanente tensão o cotidiano local. O que podemos contra a gentrificação? Lógicas contra hegemônicas, fabulação e sentidos de coletivo são irradiados – política e poeticamente - quando de maneira tática localizam bazar, mar, casas, trabalho, lazer e escola, em resposta. Margeiam conosco em interlocução sobre imaginações geográficas, desenhos e cartografias em deriva: Barbieri (2023), Massey (2007), Deligny (2015) e Oliveira Jr (2012). Encontramos um jeito de aproximar e narrar brincante, à altura das infâncias, dialogando com Benjamin (2012) e Agamben (2005). Convocado, o saber técnico acionado na extensão universitária permite compreender a cilada do capital, já intuída pela comunidade: a construção seria impossível sem a incorporação da escola. O que podemos, geograficamente, a favor da educação pública?

Palavras-chave: Educação em geografia. Geografia das infâncias. Cartografia infantil. Narrativas. Errância..

ABSTRACT

Drawn with two hands, this article offers a map and modes of cartography carried out with children, which suggest an education (in geography) that takes responsibility. In their wanderings, they tell us and engage with us to express desires - individual and negotiated - for an empty plot of land surrounding the school. Abandonment, the result of the State's negligence and the cunning of a construction company building a shopping center, constantly puts local everyday life in permanent tension. What can we do against gentrification? When they tactically locate bazaar, sea, houses, work, leisure, and school in response, they radiate counter-hegemonic logics, fabulation, and a sense of collectiveness - politically and poetically. They border with us in dialogue about geographical imaginations, drawings, and cartographies in drift: Barbieri (2023), Massey (2007), Deligny (2015), and Oliveira Jr (2012). We have found a way to approach and narrate playfully, in line with childhood, dialoguing with Benjamin (2012) and Agamben (2005). Summoned, the technical knowledge mobilized in university extension enables us to comprehend the trap of capital, already intuited by the community: the construction would be impossible without incorporating the school. What can we do geographically in support of public education?

Keywords: Geography education. Childhood geography. Children's cartography. Narratives. Wandering.

 Lorena Lopes Pereira
Bonomo^a

 Luciana Pires Alves^b

^a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^b Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

DOI: 10.12957/geouerj.2023.78193

Correspondência: lorenbonomo@hotmail.com

Recebido em: 31 jul. 2023

Revisado em: 25 ago. 2023

Aceito em: 31 ago. 2023



RESUMEN

Dibujado con dos manos, este artículo ofrece un mapa y modos de cartografía realizados con niños, que sugieren una educación (en geografía) que asume responsabilidad. En sus andanzas, nos cuentan y se relacionan con nosotros para expresar deseos - individuales y negociados - para un terreno baldío en los alrededores de la escuela. El abandono, resultado de la negligencia del Estado y la astucia de una empresa constructora que levanta un centro comercial, pone en permanente tensión la vida cotidiana local. ¿Qué podemos hacer contra la gentrificación? Lógicas contra hegemónicas, fabulación y un sentido de colectividad se irradian - políticamente y poéticamente - cuando localizan tácticamente bazares, mar, casas, trabajo, ocio y escuela en respuesta. Bordean con nosotros en diálogo sobre imaginaciones geográficas, dibujos y cartografías en deriva: Barbieri (2023), Massey (2007), Deligny (2015) y Oliveira Jr (2012). Hemos encontrado una manera de acercarnos y narrar de manera lúdica, acorde a la infancia, dialogando con Benjamin (2012) y Agamben (2005). Convocado, el conocimiento técnico movilizado en la extensión universitaria nos permite comprender la trampa del capital, ya intuida por la comunidad: la construcción sería imposible sin incorporar la escuela. ¿Qué podemos hacer geográficamente a favor de la educación pública?

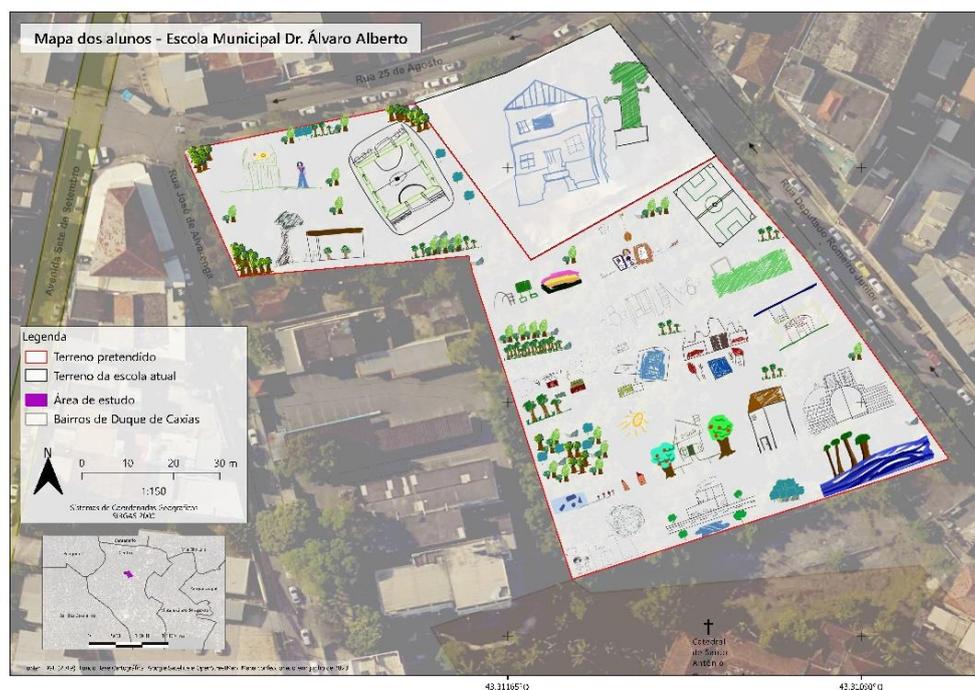
Palabras-clave: Enseñanza de la geografía. Geografía infantil. Cartografía infantil. Narrativas. Errante.

NOTA PRÉVIA

O movimento de escritura do presente texto se assemelha ao margear da Hera que cresce em várias direções e aos arredores, um vivente em proximidade, cuja presença não pretende invadir, explicar ou criar uma totalidade. Nos inspiramos no exercício de uma *bricolagem esparsa* onde “tudo são pedaços esparsos, à deriva. Nada mais é um” (DIDI-HUBERMAN, 2023, p.124). De palavra em palavra e de imagem em imagem, não há história no sentido do resgate ou da imagem totalizante de um vitral, mas a proximidade aerada de partes/escombros que se perderam de uma composição que foram um dia, porém sem perder a potência fractal, em cada caco está o todo. A memória é acionada pelo outro, pelas fotografias, desenhos, ideias, proposições teóricas e músicas, todos nossos bricoles (miolinhos de pão), em seu sentido primário e literário (AGAMBEN, 2005). Convidamos quem lê para este passeio e para se demorar em nossas tardes de trabalho e perseguição da experiência estética no trato com as infâncias, em territórios tensionados pela sanha inescrupulosa do rentismo parasitário.

Para A Introdução: Um Mapa, Duas Parecenças E Um Punhado De Imagens

Figura 01 – Mapa dos desejos: E. M. Dr Álvaro Alberto



Fonte: Acervo CRIAS / 2023



Neste artigo o texto margeia um mapa (figura 01). Por vezes o evoca, ou o contorna, ainda o desvia e talvez o confronte. Esse mapa desvela uma experimentação *entre*. Entre a escola e a universidade, entre professores em formação e crianças, entre a política e a poética, entre lógicas e práticas. Começamos com este mapa porque expressa a mais potente defesa desse texto: o espaço importa e oferece infâncias que cartografam vida e desejos *apesar de*. Porque perdem-se, tal e qual orientam. Ou ainda

Pensar sobre as possibilidades e potencialidades da ampliação das margens da cartografia escolar se e quando esta incorpora em seus estudos e práticas a dimensão expressiva da linguagem cartográfica, fazendo-a deslocar-se das dimensões comunicativa e informativa à qual ela atualmente se vincula quase que exclusivamente nos ambientes escolares. Ao longo do texto o continente, cartografia escolar, é rasurado, permitindo que dele se parta ao encontro de ilhas-obras de arte atravessadas pela linguagem cartográfica: mapas em deriva configurando um novo arquipélago onde a cartografia se faz outra, mais potente a acolher a dimensão expressiva de crianças e jovens que dela se aproximarem. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2012, p. 01)

Assim, faz sentido oferecer as memórias de como chegamos até o mapa, aqui expostas na expressão aprendida com Conceição Evaristo, como pareências. Por oferecer uma cartografia memorial, como um *jeito de sentir* espaço e tempo, e pactuar a não suspeição com quem chega e se coloca em contato para partilhar, sublinhamos com a autora que, sabemos

(...) que a vida não pode ser vista só com o olho nu. De muitas histórias já sei, pois vieram das entranhas do meu povo. O que está guardado na minha gente, em mim dorme um leve sonho. [...]. Ouço pelo prazer da confirmação. Ouço pela partição da experiência de quem conta comigo e comigo conta. [...]. Escrevo o que a vida me fala, o que capto de muitas vivências. Escrevivências. [...]. Cada qual crê em seus próprios mistérios. Cuidado tenho. Sei que a vida está para além do que pode ser visto, dito e escrito. A razão pode profanar o enigma e não conseguir esgotar o profundo sentido da parábola. (EVARISTO, 2016, p. 17).

Desse modo, “ao atear ao passado a centelha da esperança” (BENJAMIN, 2012, p. 243-244) reconstruímos a história mais que a investigamos, ou ainda, oferecemos nossas duas pareências para ressoar, pretendendo envolver quem lê na atmosfera que permeou esse fazer cartográfico, como expressão de afirmar a que serve nosso conhecimento (geográfico). E também a quem ele serve.



Parecenças

Em outubro de 2022, o projeto extensionista CRIAS – Ateliê de Geografia das infâncias da Baixada Fluminense¹ foi chamado para responder a uma solicitação feita pelo Coletivo de Infâncias e AFROSIN², atuante na Escola Municipal Doutor Álvaro Alberto (SME- Duque de Caxias). A demanda consistia na situação de um terreno adjacente à escola, que era propriedade de uma empresa que tinha planos de construir um shopping center, mas que havia sido deixado "abandonado". Isso representava atualmente diversos riscos para a saúde e segurança da comunidade escolar.

Para o vizinho terreno de escombros e abandono, que não parecia mais interessar ao Estado ou à empresa, as crianças tinham planos, desejavam pensar esse ocupar de forma vitalizada. Era essa a convocação, para somarmo-nos em mão dupla: pensar o mapeamento com as crianças e dotar esse material de fundamentos cartográficos, técnico-científicos, tornando-o um instrumento de luta *a contrapelo*. Ou seja, acionar a linguagem cartográfica para desobedecê-la em certa medida.

Assim, realizamos oficinas que começam pela localização e apreciação da imagem obtida pelo *google maps* (figura 02)

Figura 02 – Escola Municipal Álvaro Alberto (2023)



Fonte: *Google maps*

¹ O Ateliê de Geografia das Infâncias da Baixada Fluminense (CRIAS) é um projeto de extensão Universitária localizado na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ). Articulando infâncias, geografia e docência constitui-se como um grupo de estudos, de saberes e fazeres que trata da dimensão espacial das infâncias como forma e conteúdo que provoca, deriva e produz possibilidades educativas de compreensões pelo espaço e com crianças. (BONOMO, 2023).

² O material apresentado insere-se na pesquisa *Traços infantis: notas com as crianças ao viver o chão sujo de céu*, pertencente escopo de pesquisas do coletivo de infâncias e AFROSIN, Uerj/UFRRJ. Aprovada pelo conselho de ética, segundo o parecer de número: 5.299.622. Plataforma Brasil, CAAE: 2 55983121.9.0000.5282



A atividade em si já estimulou as crianças a questionar e refletir sobre a situação: "Pelo alto é assim? Mas quando a gente sobe a ladeira para a escola só vemos tudo quebrado, o mato, e algumas plaquinhas numerando algumas árvores... e uma porta assombrada" (figura 03). Imagem versus paisagem; *Ponto-de-vista, composição e exposição*³ (GOMES, 2017); tudo ali.

Figura 03 – Vista do terreno desde a ladeira



Fonte: Acervo CRIAS/2023

Continuamos a nossa narrativa lembrando as lutas da comunidade no contexto da construção do shopping (figura 04). Nesse processo, o mistério por trás da numeração das árvores foi resolvido: organizações ambientais locais catalogaram as árvores para mostrar a comunidade a perda de diversidade que a construção do shopping representaria.

³ Citamos formulação de Gomes (2017) para indicar que nas tramas da espacialidade contempladas e tateadas com as crianças emergem a condição posicional de visualidade dos fenômenos, articuladas ora por sua contingência/disposição e a consequente visibilidade ou invisibilidade (ponto de vista), ora por sua dispersão, considerando o *jogo de posições* (composição), ora por visualidade pública (exposição).

Figura 04 – Vista da Porta da escola



Fonte: Acervo CRIAS/2017

Após atualizar a memória da comunidade em relação ao terreno, o próximo passo foi executar o plano proposto. Primeiramente, as crianças desenharam individualmente seus próprios desejos para o terreno. Em seguida, em novembro, durante o evento "Sarau Janelas Floridas", que celebra a resistência e a r-existência da escola centenária em seu local, a segunda parte da tarefa foi realizada. Nesse momento, as crianças selecionaram quais desejos expressos em seus desenhos eram representativos do coletivo e os posicionaram em um croqui. As questões geográficas por excelência: *Onde? Por que aí?* (FOUCHER, 1989, p.21 apud CAVALCANTI, 2019, p.68) emergindo nas e das escolhas. (Figura 05).

Figura 05 – Desenho de criança



Fonte: Acervo CRIAS / 2023

Após a criação do mapa bricolado (figura 06) durante o processo anterior, a equipe do projeto de extensão voltou para a Universidade. Nesse momento, os membros do projeto, com a assistência do licenciando Diego Escobar, começaram a trabalhar com as ferramentas cartográficas, especialmente o software GIS. Eles trabalharam para chegar à versão final do mapa que inaugura o texto. Esse mapa é o resultado de todo o processo descrito e devolve provocações para a escola, para as crianças e para docentes envolvidos.

Figura 06 - Negociação coletiva do mapa pelas crianças e estudo do resultado por licenciandos em Geografia e Pedagogia na FEBF/UERJ



Fonte: Acervo CRIAS/2023

O que acontece quando uma escola lendária vira uma espinha na garganta de quem a tudo engole? Sem conhecer a interdição, a fome do capitalismo financeirizado que vive mais da produção de escombros e da destruição da vida atual pela promessa infundada de um futuro para poucos, apenas para quem tem os tíquetes para embarcar na nave para o futuro. E a nave? Na velocidade dos bytes viaja rumo ao que Bifo (2020) identifica como o corpo morto do capital.

A deflação do imaginário incrementa as políticas de destruição e morte, com sua fórmula bastante conhecida: exploração, precariedade e humilhação econômica. Sem conseguir imaginar a vida, árvores, escolas, casas, comércios locais são regurgitados pelo capitalismo e tudo o que sobrou do antigo centro de uma cidade periférica, como Duque de Caxias (figura 07). O campo social se mobiliza pela Escola Dr. Álvaro Alberto, Regional de Meriti, Proletária de Meriti....

E o que anda na boca do povo: Mate com Angu!⁴ Surge então o movimento FORAS SHOPPING que salva guarda a escola e lutou pelo tão sonhado Tombamento em 2016, sob o Decreto Municipal de número 6734 de 27/12/2016. Desde então um impasse, entre o antigo e o novo, com a vida sangrada e renascida das árvores.

Figura 07 – Vista do morro do IMDC



Fonte: Marcelo Bancário e Filipo Tardim/ Página Lurdinha de Caxias

Ao fundo da imagem vemos a escola, cujo pátio pouco resistiu após o ecocídio promovido pelos donos do terreno, parte da lateral da escola cedeu dois anos depois. Em 2016, se estreitam os laços entre a Escola e a Uerj em relação ao enfrentamento cotidiano dos danos dessa mataça das árvores e os conhecimentos da Geografia passam a ser essenciais para a compreensão do processo de demolição vivido no cotidiano.

Pelo fio invisível do ressentimento, os sócios proprietários do capitão manipulam as subjetividades rançosas que perpetram à miúde os processos de demolição. Pessoas que ocupam o lugar-patente dos opressores ao dirigirem erroneamente sua revolta de classe à escola pública, quem lá trabalha e principalmente suas crianças.

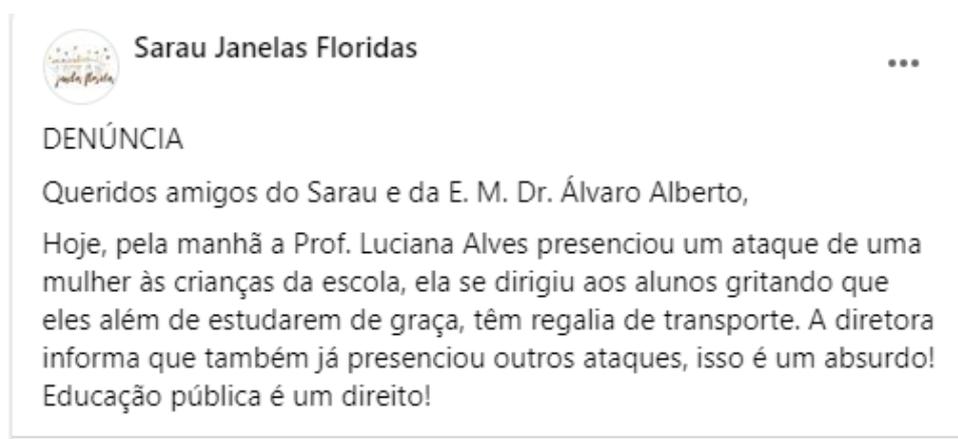
⁴ A Escola Municipal Doutor Álvaro Alberto foi a primeira do Brasil e da América Latina a servir merenda escolar. No cardápio: mate e angu, origem desse nome pelo qual passou a ser conhecida.



Transformada em rancor e amargura, a falta de claro discernimento da injustiça social é direcionada ao próximo, principalmente quando prefigurada pelo racismo, pela favelofobia, pela misoginia e pelo tornado banal exercício do ódio.

A mobilização do conhecimento, a luta brincante, os exercícios de afetos alegres, as oportunidades de fruição e autoamor são meios de sustentar a vida na escola em sua dimensão cotidiana de luta e enfrentamento contra a animosidade dos vizinhos próximos a presença das crianças e na escola (figura 08). A má vontade e a má consciência são visíveis durante os atos de resistência ou momentos cotidianos como o que vivenciamos em 2022.

Figura 08 - Denúncia na página do evento



Fonte: <https://www.facebook.com/saraujanelasfloridas/>

O litígio entre o rentismo do capital com seus agentes ou ressentidos de plantão e as forças vitais: o verde das árvores, a folgança infantil, docentes e seus afazeres, o pessoal de apoio e o suporte que torna dia possível, a direção e suas práticas, os movimentos sociais e agência combatente... A fabulação das crianças narra uma possível hecatombe, uma explosão, um evento extremamente trágico que explique a condição baldia do terreno. Trágica mesmo é a sanha, a exploração do capital que não conhece peia, mas nós ainda estamos aqui para movimentar essa história.]



Do terreno baldio

Meu coração vagabundo
Quer guardar o mundo
Em mim!
Caetano Veloso

Há muitos sentidos permitidos por uma palavra baldia, assim como o terreno. Ela é conhecida por ser inútil, vazia, agreste, sem cultivo, imprestável e maninha. Seu caráter vagabundo que torna possível que ela tenha um coração onde cabe um mundo. Um e tantos mundos que povoam os terrenos baldios, justamente por ainda não serem repletos de instrumentalizações.

Esse é o solo perfeito para o extravar e para uma errância onírica cujos passos produzem uma cartografia sedosa em sonhos, desejos, tesouros do imaginário que nos permitem tornar visível o que as crianças dizem sobre um território dos *quereres* de um espaço que lhes foi roubado pela sanha do capitalismo de *ridículos tiranos*. O mapa surge quando os cartógrafos são informados por sonhos infantis em sua riqueza e efemeridade, feito da beleza de zonas indistintas de real e imaginário, onde o mar, girafas, quadras de futebol, bazar e escolas de sexto ao nono ano estão juntos num mapa do tesouro que guardamos de cor.

No lugar maculado pelo cio de capitalistas inescrupulosos, a escuta dos sonhos nos permite produzir linhas de fuga do território da vida nua, onde pessoas, monumentos, árvores, fisionomias de um bairro conhecido são matáveis, numa destruição em massa, silenciosa e tornada banal. Escombros, restos, pedaços de tudo o que sonhava, respirava e fazia respirar vira terreno baldio no centro da cidade. A linha, que nos resta, é justamente o limiar entre o baldio e o bandido, “meter o pé” para a imaginação é não aceitar a captura da criminalização do poder soberano ávido como um rentista que parasita tudo o que vive.

Introduzir um mapa não como uma representação da realidade, mas sim como um itinerário de real e sonho, num mundo se fazendo como afirma Barbieri:

Muitas vezes o desenho é visto como uma representação da realidade, e essa visão pode tender a considerar o mundo como dado, fixo e estável. Pensemos o desenho como expressão, apresentação de uma ideia que é fruto dos atravessamentos que a relação com a experiência traz. Desenhar é uma aprendizagem no campo dos afetos. (BARBIERI, 2023, p.53)

Os mapas do tesouro são os papéis dos desejos das crianças, desenhos de intensidade que nos salvam da constante interpretose⁵ que nos fixa no preenchimento da criança a partir das teorias e nos impede de seguir com elas e produzir derivas onde possam novamente brilhar uma constelação de seres desejantes. O

⁵ Interpretose. Guattari (2022). O que o autor chama de interpretose é a ação de abordar as crianças pelo viés do preenchimento ou preenchimento taxinômico da infância em fases específicas, explicações e contextos. Pensar a infância é colocá-la em caixinhas.



mapa permite seguir os emaranhamentos das crianças com o lugar, com a escola, com o terreno baldio. Como afirma Deligny: “De seus trajetos guardamos traços, que constituem mapas”. (DELIGNY, 2015, p.220) Aqui, são os traços do real e do imaginário: o que esse terreno poderia ser se fosse nosso? E, por que, não é?

Ao trabalhar na concepção cartográfica para ouvir as crianças não devemos nos ater apenas a tornar um percurso visível, pois isso seria novamente subordinar tudo ao olhar, mas sim ampliar nossa sensibilidade para desmontar as tantas capturas do sentido que nos ata. Por isso, muitas vezes ficamos apenas com os traços, os rastros das intensidades outras, sentidos outros que a forma adulta não nos deixa perceber.

A produção cartográfica nos intimida a uma abertura ao sensível, uma vez que a criança nos convoca a sair do lugar de “homem feito” para o lugar do se fazendo. Como a pequena Alice que queria pôr no papel uma “Ester grandona”, e nós adultos traduzimos uma estrela grandona. A inquietude e a irritação logo levaram Alice às lágrimas. Ao chorar-se toda, a menina se fez água e só a consolamos, uma vez que ela não se agradou do próprio desenho que não era uma “Ester grandona” e nem das nossas estrelas.

É preciso compreender a vida sensível como uma abertura ao mundo e à experiência vivida. Mesmo sendo dolorosa ou difícil e apesar das cicatrizes, a retomada da confiança no mundo é um afeto basilar para permanecer no movimento de exploração de um meio; do território aberto entre o real e o imaginário; da experiência estética como motor da existência.

A abertura necessária para compor o mapa com as crianças, apesar de uma realidade tão agredida, requer a composição de um comum negociado. O que iremos construir? O que deixaremos nesse terreno? O que é importante para nós? E o mapa vai ganhado um recheio projetivo, é possível sonhar coletivamente: ampliar a escola, manter as árvores, um bazar.... Também, viajar no delírio: poderia ter um mar, uma praia.

O mapa pelas crianças produzido ocupa o que Coccia (2010) define como um ser do sensível, o *ser menor* das imagens. O lugar que não ocupa nem pelo sujeito, nem pelo objeto, cuja materialidade em sonho nos permite ser mais, mesmo que por esses momentos de plena força que a palavra baldia nos possibilita. Nesse instante, não somos o resultado da violência do capital e nem estamos capturadas pela significação do bando ou do bandido, como Agamben nos ensina, nos fugidios momentos somos seres potentes do desejo, em sua forma em desmesura que pode criar vida, mesmo diante da prática política da morte. A vida nua ou condição de um povo ingovernável, da “vida apesar de tudo, da vida não governada, ou seja, abandonada a si própria, ilícita ou clandestina por uma necessidade vital”. (DIDI-HUBERMAN, 2023, p. 80).



Produção de espaçamentos: encontros, registros e invenções

A transposição para o papel dos percursos do corpo, ao subir e descer todos os dias a ladeira da escola, entremeados com as imagens produzidas pelo debruçar-se produzido pela pergunta: E se fosse possível tornar concretos nossos desejos? Passar pelos lugares e apoderar-se deles através da experiência coletiva de narrar.

Narrar ao grau da pelagem da experiência é a ambição de poder ou do desejo benjaminiano de contar, à contrapelo, o que se instaura como memória dos mais fortes. No mapa podemos representar a materialidade do vivido: palavras, intenções, desejos, negociações, olhares etc. Quando nos instauramos junto às crianças e não na condução delas, buscamos guardar a medialidade (COCCIA, 2010). Exploramos o mundo e vivemos as coisas, relações e pessoas como meio. Para tornar a palavra baldia, precisamos fugir da lógica da instrumentalização e da dicotomia sujeito e objeto. Coccia (2010) aponta para relação medial como possibilidade da vida sensível e para a retomada positiva das relações de exploração, uma vez que essas não se encontram capturadas pela ordem do trabalho e do consumo. Ou seja,

Um meio é, precisamente esse mundo suplementar que vem depois da natureza das coisas e dos objetos, permanecendo, porém, anterior a toda alma, a todo psiquismo, quase como se parasse na soleira da história e da cultura depois de tem saído do reino natural. (COCCIA, 2010, p. 50)

Ao brincar, tomamos a relação da exploração dos lugares como um meio, o tempo passa a contar diferente. Não sendo útil à história dos monumentos ou dos documentos, o brinquedo é animado pela experiência singular de uma vida, que produz e destrói territórios por uma manipulação particular. Como elabora Benjamin, ao dizer que nas construções do brincar é possível estar nas “igrejas que roubaram a cruz” (BENJAMIN, 2021, p. 229).

Um meio de exploração, no exercício de percepção em ato que nos permitimos no exercício de traçar os mapas dos percursos, retomamos um sentido primário da bricolagem. Agamben (2005), ao narrar o país dos brinquedos, afirma que o *bricole* remonta aos pedacinhos de pão, *briciola*, no plural *briciole*. As migalhas de pão desenham o caminho pela floresta no conto João e Maria, que enfrentam o desconhecido, e rumam à floresta buscando deixar um rastro que serviria de mapa de volta para casa, o que, no entanto, não ocorreu, porque as aves comeram as farpinhas. O conto de João e Maria nos lembra da provisoriade dos mapas causada pelos muitos que interferem e modificam as representações dos percursos. Essa é uma carta-traçado através da abertura e do entremeado da errância, criações esparsas.

São justamente esses espaçamentos que representam as brechas para que possamos nos abrigar junto às crianças para re-existir, pedacinho por pedacinho, juntos ou espalhados, e vão desenhando um lugar de



estar e de viver. No espaçamento entremeado de sonhos, delírios e possibilidades, vamos delineando relações. O que podemos contra a força da gentrificação? O que podemos contra o shopping, catedral do consumo?

Assim, como o pequeno bricoleur (figura 09), buscamos um mapa denso o suficiente para conter desejos inventados, e areado o suficiente para ter espaço para o que é valioso. Seguimos com o que afirma Benjamin: “E o segredo do seu valor está na sobriedade – aquela frugalidade do espaço vital em que não apenas mantêm visível o lugar que detêm no momento, mas também o espaço para ocupar os sítios sempre que os novos forem chamados”. (BENJAMIN, 2021, p.132)

Figura 09 – Pequeno bricoleur



Fonte: Caderno de Campo da Sala de Leitura

Um mapa infantil é o resultado, de natureza provisória e fragmentária, de posições esparsas causadas pelas errâncias e interferências do meio/sujeito criados pela exploração das relações. Aqui, reunimos os desejos/tesouro das crianças que puderam ser capturadas pelos estudantes/professores na situação de pesquisa.

A seguir nos abrigamos nesse mapa e tateamos o quanto ele modula abrigos outros, justo por ser produzido de errâncias narradas, também em deriva, margeando como uma educação (em geografia) e com infâncias vai se tecendo nessas múltiplas afetações - não de enraizamento, mas de movimento - estas sim, despejadas.



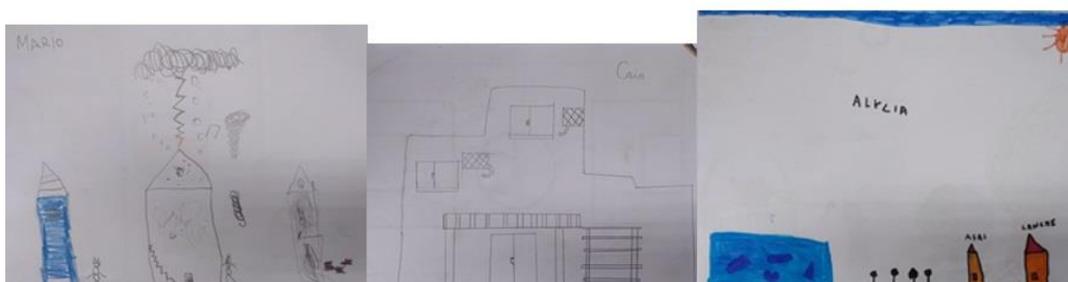
Dos abrigos

Hoje eu acordei com medo, mas não chorei
 Nem reclamei abrigo
Do escuro, eu via um infinito sem presente
 Passado ou futuro
Senti um abraço forte, já não era medo
 Era uma coisa sua que ficou em mim
Ney Matogrosso

Sentidos tantos são também possíveis desde uma palavra abrigo. Ela é conhecida por asilo, reduto, refúgio, resguardo. *Apricare* é o termo de origem significando “proteger, cobrir, esconder ou esquentar num interior, e ainda resguardar dos rigores do tempo” (JACQUES, 2001, p. 26). Abrigando nos comprometemos, nos responsabilizamos.

Ao pretender ensaiar percursos políticos e poéticos, margeando a educação em geografia, deslocando-nos com as derivas dos desenhos posicionados das crianças, nos deparamos com seus tesouros, sob os quais nos detemos um pouco mais agora. Elegemos algumas entradas, dentre tantas outras possíveis, que podem tocar leitores do mapa que se dispõe às errâncias. Temos uma fábrica, muitas casas e lojas esparramadas na produção coletiva (figura 10). Ao *contar com a gente e nos contar*, se instala o assombro das crianças pela vida de moradores em situação de rua abrigados nos escombros do terreno. Encontram nas lógicas infantis a indignação perdida no mundo adulto anestesiado pela sanha capitalista. Contestam a invisibilização das pessoas, a naturalização do indigno garantindo meios para trabalho, moradia e pão a quem perambula. Em tempos de arquiteturas hostis radicalizadas, no território de desejo das crianças cabem todos, abrigados dignamente.

Figura 10 – A fábrica, as casas, as lojas



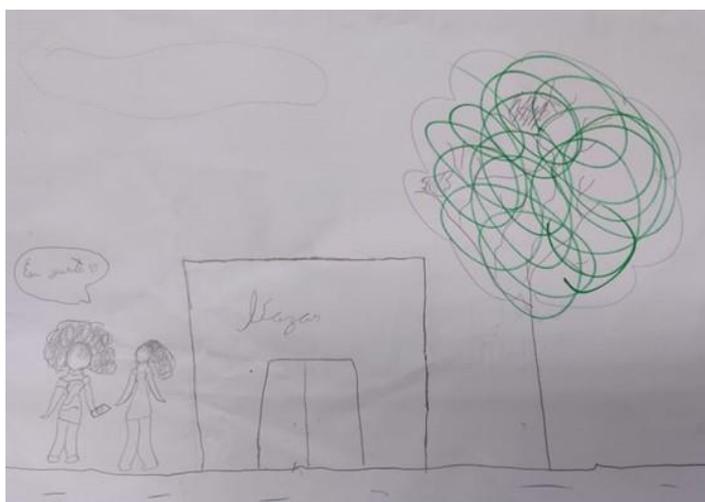
Fonte: Acervo do CRIAS

Sua quadra restituída e uma escola para seguirem os estudos desde aquela mesma localização são colocadas para o mapa, elas abrigam-se também. Par e passo com essa responsabilidade das crianças com o

mundo que os desenhos exibem, delírios e fabulações que emergiram e já tratamos. Onde é possível ser vizinho de porta com o mar, compartilhar espaços com leões. Um fabular que produz o inusitado, o ainda não-pensado como (sub) versões. O mapa errante comunica tanto quanto expressa liberdade de ficcionar.

Mais uma espiralada de tempo desde o espaço possível no terreno vago e uma indicação festejada: alocar um bazar onde pretendeu-se o shopping (figura 11). O mapa errante das crianças é também um gesto de revide. É um modo de lidar com a ferida urbana aberta. Ao pensar e colocar-se como *praticantes* do espaço do terreno, atuando nas brechas, oferecem uma tática, essa arte do fraco, enquanto baldio for o terreno. (DE CERTEAU, 1998)

Figura 11 – o bazar



Fonte: Acervo CRIAS/202

Apontam para outros possíveis no *campo do inimigo*. Se o alto padrão do empreendimento era excludente, como negociar tal lógica? Em seu mapa vigoroso as crianças dão um contragolpe, revitalizam o terreno, a economia, com o possível para mais gente, amplamente comemorado com sorrisos quando essa menina anunciou: “tive uma ideia! Nada de shopping, faremos um bazar! ”. Diante da espetacularidade do projeto urbano hegemônico, uma narrativa menor, mergulhada em experiência (que em sua raiz é percurso) de classe. Um desejo que se inventa extrapolando o delimitado no mapa com sua errância. Oferece dissenso e profanação, lógica outra ao planejado, mas deriva com a solicitação do terreno. Erra “tanto no sentido de vagar, vagabundear, quanto no da própria efetivação do erro – de caminho, de itinerário, de planejamento” (JACQUES, 2012, p. 30) e o faz “pela opacidade (...) e resiste aos projetores do espetáculo da cidade luminosa”. (Idem, p. 37)



Compreender pelo espaço do terreno e com as crianças - como povo e também como multidão – uma miríade de abrigos no baldio, teceu um pensar geográfico mobilizado para pautar o coletivo, num lúdico, num jogo, que deseja a dimensão pública do habitar. Reposicionando no mapa – pelo desenho, pelas narrativas - seus e nossos olhares sobre o relevante, vamos convergindo. Massey defende, e com ela concordamos, que

Para possibilitar aos/às estudantes o “pensar geograficamente”, nós devemos garantir que a investigação geográfica considere necessariamente (diferencialmente) o poder. Isso levaria a um reconhecimento das geografias (geometrias do poder) através das quais o mundo é construído e as geometrias de poder, talvez mais igualitárias, através das quais ele possa ser reconstruído. (MASSEY, 2017, p. 40)

Consideramos que o acaso de colocar o bazar, enviesando, contornando a estratégia verticalizada de poder, oferece o *drible*, retoma a bricolagem com esse abrigo, porque engenhosamente arquiteta com os fragmentos do que percebe. E ela o faz contemplando, descrevendo, comparando, sintetizando... E o mapa oferece elementos para tratar de singular-particular-universal, para construir ideias de distribuição. O mapa é prenhe da construção de momentos, que podem ser lidos como situações, indicando a priorização dos usos ante às funções.

A natureza controversa no mundo exposta na imediação, dispositivo para um pensar geográfico bricolado na imaginação, experimentando uma linguagem cartográfica balbuciada, nos induz a retomar o baldio.

Os terrenos baldios... ficam sempre no meio, estão em suspensão, em espera, em um estado provisório, intermediário, inacabado. O terreno é vago, mas no momento em que se decide fazer ali qualquer coisa (do piquenique ao megaevento), este se torna menos vago e a passagem se faz. (CARERI, 2013, p. 10).

Um mapa de extensão e de intensidade. O saber técnico mobilizado a serviço da comunidade escolar fez ver o que *não era possível a olho nu*. O mapa nos permitiu ver e compreender o quanto o terreno da escola é essencial ao projeto do shopping. Não é uma questão de vizinhança, mas de incorporação. O terreno da escola, reparem, é empecilho para o empreendimento. Uma cilada intuída, e no encontro possível nesse convite, manifestada. Ao colocarmo-nos com as crianças e com as professoras, numa ocupação que interroga o poder, foi possível essa travessia no pensar a luta, que faz uma nova carta.

Sem a pretensão de esgotamentos, seguimos a ensaiar leituras errantes do mapa. Atualizando os projetos via práticas, jogando o jogo em suas errâncias, mirando o vir-a-ser da vida cotidiana, e para isso pactuamos com Pessoa ao afirmar que

E o esplendor dos mapas, caminho abstracto para a imaginação concreta,
Letras e riscos irregulares abrindo para a maravilha.
O que de sonho jaz nas encadernações vetustas,



Nas assinaturas complicadas (ou tão simples e esguias) dos velhos livros.
(Tinta remota e desbotada aqui presente para além da morte,
O que de negado à nossa vida quotidiana vem nas ilustrações,
O que certas gravuras de anúncios sem querer anunciam.
Tudo quanto sugere, ou exprime o que não exprime.
Tudo o que diz o que não diz,
E a alma sonha, diferente e distraída.
Ó enigma visível do tempo, o nada vivo em que estamos!)
(PESSOA, 1993, p. 51)

Por enquanto é baldio, logo, há disputa.

Pedrinhas, migalhas de pão, sementes: coisas delas que ficaram em nós

Buscamos, desde o anúncio das notas prévias e da introdução, um texto menos sequencial e mais espacial que, margeando um mapa, derivando dele, nos induzisse a cogitar uma educação (em geografia) a favor de quem, ainda que vencidos incessantemente, insiste em desejar *mundos para o mundo*. Talvez uma *educação menor* em Geografia, orientada tanto quanto em deriva, pelas insurgências – baldias e abrigadas - cartografadas pelas crianças da escola.

No abrigo e na força também das palavras baldias que guardam a natureza desse terreno, onde a vida acontece e ainda pode acontecer, buscamos também as palavras sementes, que façam germinar outra coisa, que não a violência e o embate.

Apostamos nosso desejo na poderosa imagem da semente de Gilberto Gil, de drão em drão. Apesar de tudo ninguém será capaz de fazer esse amor morrer, tudo o que ali vivemos, as sementes de ilusão que levaremos conosco a certeza de que os brutos e as sementes, nossos pequenos meninos são todos sãos...

Drão, o amor da gente é como um grão
Uma semente de ilusão
Tem que morrer pra geminar
Plantar n'algum lugar
Ressuscitar no chão nossa semente

Quem poderá fazer aquele amor morrer
Nossa caminhada?
Dura caminhada
Pela estrada escura

Drão, não pense na separação
Não despedace o coração
O verdadeiro amor é vão
Estende-se infinito, imenso monolito
Nossa arquitetura...



REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1987. 147p.
- ALMEIDA, P. M. M.; OLIVEIRA, A. S.; ALVES, D. V.; RIBEIRO, G. J. S. Uma história da dinâmica urbana através de mapas – O caso da zona Oeste. In: **XXVII Congresso Brasileiro de Cartografia e XXVI Expositiva**, Rio de Janeiro, 2017. pp.362-366.
- ANDRADE, A. B. A cartografia histórica como instrumento para análises de configurações espaciais pretéritas. O uso de mapas conjecturais. **V Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica**, Petrópolis, 2013. pp. 1-17.
- DUNLOP, C. J. **Os Meios de Transporte do Rio Antigo. Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Ministério dos Transportes, Serviço de Documentação, 1972. 95p.
- DICIONÁRIO ONLINE. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/liteira/>>. Acesso em: 29/06/2023.
- DICIONÁRIO ONLINE. Disponível em: <<https://diclib.com/pt/Dicionario%20portugu%C3%AAs/Parelhamente>>. Acesso em: 29/06/2023.
- DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/palaquins/>>. Acesso em: 29/06/2023.
- GAUDÊNCIO JUNIOR, N. et al. Veja ilustre passageiro: o Atelier Mirga e os cartazes para a Companhia de Anúncios em Bonds (décadas de 1930 a 1950). 2010.
- MENEZES, P. M. L., LEPORE, V. M. G., FERREIRA, T. S., Cartografia Histórica como suporte para análise geográfica.M,N IV Colóquio Brasileiro de Ciências Geodésicas – IV CBCG: Curitiba, maio de 2005.
- SANTOS, N. **Meios de Transporte no Rio de Janeiro: história e legislação. Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: DGDI, 1996. 374p.
- SCHREINER, L. **Planta da cidade de Sn. Sebastião do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, RJ; Berlim [Alemanha]: Guill: Greve, 1879. 1 mapa, col., 96 x 110cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1360096/cart1360096.jpg. Acesso em: 28 fev. 2023.
- SILVA, M. L. P. **Os transportes coletivos na cidade do Rio de Janeiro: tensões e conflitos.** Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1944.
- STIEL, W. C.. **História do Transporte Urbano no Brasil.** Rio de Janeiro: EBTU/PINI, 1984.
- WEID, Elisabeth von der. O Bonde como Elemento de Expansão Urbana no Rio de Janeiro. Siglo XIX, Cidade do México, n. 16, p. 78-103, 1994.